



## COMUNIDADE QUILOMBOLA LAGOA DA PEDRA, ARRAIAS (TO) E SEU PATRIMONIO IMATERIAL\*

Wolfgang Teske\*\*

**Resumo:** o artigo traz um relato de experiências vividas na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias (TO), de pesquisas participantes e acompanhamento das manifestações culturais dessa comunidade. A base teórica é a teoria da Folkcomunicação, que estuda como os indivíduos segregados, marginalizados e de comunidades quilombolas se comunicam e ressignificam a suas práticas culturais ao serem impactados com as mensagens midiáticas. O destaque desse trabalho é para a Roda de São Gonçalo, manifestação cultural que data do séc. XIII, em Amarante, Portugal e é preservada nessa região do Estado do Tocantins. Esse estudo se insere em uma proposta de mudança paradigmática da ciência, que busca valorizar e abordar saberes que a ciência tem dificuldade de abordar. Por fim, apresenta o ritual e os símbolos que compõe a Roda de São Gonçalo.

**Palavras-chave:** Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra. Roda de São Gonçalo. Folkcomunicação.

LAGOA DA PEDRA MAROON COMMUNITY, ARRAIAS (TO), AND ITS IMMATERIAL ASSETS

**Abstract:** *the article gives an account of experiences in Community Quilombo Lagoa da Pedra, Stingrays (TO), research participants and accompanying cultural events of this community. The theoretical basis is the theory of folk communication, which studies how individuals segregated, marginalized and maroon communities communicate and reframe their cultural practices to be impacted with media messages. The highlight of this work is to Roda de São Gonçalo, cultural event dating century. XIII in Amarante, Portugal and is preserved in this region of the state of Tocantins. This study is part of a proposal for a paradigm shift in science, which seeks to value and addressing knowledge that science has difficulty addressing. Finally, it presents the ritual and symbols that make up the Roda de São Gonçalo.*

**Keywords:** *Community Quilombo Lagoa da Pedra. Roda de São Gonçalo. Folk communication.*

\* Recebido em: 30.04.2013. Aprovado em: 13.05.2013.

\*\* Mestre em Ciências do Ambiente/Cultura e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas (TO). Professor na Universidade Federal do Tocantins, Palmas (TO). Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Albert Einstein, Brasília (DF). Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (Ceulp/Ulbra), Palmas (TO). Bacharel em Teologia pelo Seminário Concórdia de Porto Alegre (RS). E-mail: professorteskeuft@gmail.com



**E**ste trabalho é uma abordagem de várias pesquisas realizadas na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias (TO), desde o ano de 2005, quando tiveram início. Inicialmente, a pesquisa detalhou uma das manifestações culturais denominada de Roda de São Gonçalo. Posteriormente, na elaboração da dissertação de mestrado no Programa de Mestrado de Ciências do Ambiente, na linha de pesquisa Cultura e Meio Ambiente se fez uma pesquisa sobre os rituais, símbolos e rede de significados das manifestações culturais desta comunidade como processo folkcomunicação de saber ambiental.

Em se tratando de uma pesquisa qualitativa, exigiu-se do investigador uma permanência maior na área de observação, possibilitando, assim, que se estabelecessem relações de confiabilidade entre os sujeitos da pesquisa (TRIGUEIRO, 1999). A observação direta tanto dos fenômenos, da montagem e transcurso das manifestações culturais foi fundamental para compreender-se a sua importância, sentidos e significados entre os quilombolas. Para Martins (2006, p. 13), “a observação direta do comportamento dos fenômenos e dos fatos também é uma fonte inspiradora de ideias”.

Um dos instrumentos metodológicos para a realização da pesquisa foi a observação participante, o que significa que o pesquisador se deslocou para o contexto físico onde ela ocorreu e assim possibilitou “[...] a coleta de dados e informações através dos olhos dos pesquisados” (MARTINS, 2006, p. 26). O referido autor ainda complementa e assevera que: “o papel do observador participante requer, ao mesmo tempo, desprendimento e envolvimento pessoal”. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo, em várias etapas, para se conhecer com mais profundidade a Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra e descobrir os processos folkcomunicação de suas manifestações culturais.

O envolvimento com a comunidade por muitos anos gerou uma pesquisa participante e acompanhamento muito próximo, talvez até íntimo com todo o processo de concepção, montagem e ocorrência das manifestações culturais de cunho religioso, mítico e místico da Lagoa da Pedra. Nos dois primeiros anos, o foco se concentrou na Roda de São Gonçalo, manifestação registrada em livro na sua primeira edição (TESKE, 2008). Na sequência foi feito um acompanhamento, *in loco*, até o ano de 2010, quando se pode acompanhar passo a passo a Festa dos Solteiros ou Doce Coração de Maria a Festa dos Casados ou Sagrado Coração de Jesus, as Fogueiras de São João, a Fogueira dos Viúvos, a Folia do Sagrado Coração de Jesus, o Dia de Todos os Santos e Finados, a visita ao Cemitério da Boa Esperança, que remonta à época da escravidão, a visita à Caverna Furna do Bom Jesus da Lapa onde ocorrem momentos de caráter mítico, místico e religioso, a Cerimônia da Semana Santa, Via Sacra e a Festa do Judas. Além disso foram muitas horas de entrevistas, conversas que formam um verdadeiro inventário de uma riqueza cultural, desconhecida até mesmo dos tocantinenses. Parte de todo o material coletado foi publicado no livro *Cultura Quilombola* (TESKE, 2010) e já na segunda reimpressão.

Ao se aplicar o método da História oral, procurou-se valorizar a narrativa, a experiência, os sentimentos e os significados da Comunidade sobre o assunto.

## MUDANÇA PARADIGMÁTICA DA CIÊNCIA

### O Modelo da Racionalidade e suas Consequências

A pesquisa realizada teve como uma das bases a mudança paradigmática da ciência, o que quer dizer que se entende ocorrem, efetivamente, surgimento de novos paradigmas, acompanhados de novos instrumentos, novos olhares e novas direções. Ao afirmar isso, pretende-se mostrar que o mundo pode ser visto de forma diferenciada a partir das mudanças paradigmáticas, conforme afirmações de (KUHN, 1992, p. 145) “É uma mudança no e do olhar”. Em decorrência ocorre uma mudança de pensamento sobre a própria realidade, que já não é mais vista como “[...] como unidimensional, segundo o pensamento clássico afirmava, mas multidimensional” (MORAES, 2004, p. 29).

Na atualidade, ainda, é possível observar a existência de uma hiperespecialização do conhecimento, onde as disciplinas são bem definidas, provocando um estreitamento da visão global e uma diluição da percepção do essencial da visão global e uma diluição da percepção do essencial (MORIN 2008, p. 13). Para o autor



Há uma inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas e, por outro lado, realidades e problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários.

Ao abordar e detalhar esse tema, Morin (2008, p. 14) explicita que a hiperespecialização ou superespecialização produziram dois paralelos, simultaneamente “o conhecimento e a elucidação” e a “ignorância e a cegueira”. Não é mais possível retalhar e fraccionar aspectos econômicos, políticos, sociológicos, psicológicos, afetivos e mitológicos, pois todos são componentes inseparáveis de um todo e isso gera um confronto com o desafio da complexidade.

Portanto, há necessidade de compreender que a ciência moderna deixou de reconhecer saberes das práticas antigas, o que gerou uma grande separação entre a cultura das humanidades e a cultura científica. Para o físico quântico Capra (2006, p. 291-2) o ser humano se relaciona com os demais por uma questão de sobrevivência e por essa razão cria um mundo de cultura e valores, dela necessita e a partir dela evolui.

Há muitos saberes, culturas que parte da ciência tem dificuldades em abordar, principalmente os de aspectos mitológicos não reconhecendo-os como sabedoria. Para Morin (2001, p. 27), todos os povos e cada civilização possui pensamentos racionais, empíricos, técnicos além dos saberes simbólicos, mitológicos e mágicos.

Este trabalho, portanto, se alia a essa mudança paradigmática, conduzindo a um novo espírito científico que, a partir dos anos 60, do século passado, inicia uma verdadeira revolução provocando “[...] desdobramentos que levam a ligar, contextualizar e globalizar os saberes até então fragmentados e compartimentados” (MORIN, 2008a, p. 26).

Uma das consequências do modelo da racionalidade no pensamento moderno é o estabelecimento da dicotomia “[...] através da divisão cartesiana entre objetos da mente (espírito) e objetos da realidade (físicos)” (FLORIANI *apud* NAVAL; PARENTE, 2009, p. 12). Para Morin (2008b, p. 21):

Ao longo do século XIX e no começo do século XX, a ciência não cessava de confirmar que havia encontrado o indubitável fundamento empírico/lógico de toda verdade. As suas teorias pareciam emanar da própria realidade, via indução, a qual legitimava as verificações/confirmações empíricas como prova lógica e ampliava-as enquanto leis gerais.

A partir dessa dicotomia surge a confrontação entre a verdade e a mentira com a mediação da verificação.

## O SABER AMBIENTAL

Portanto, valorizar, compreender o mundo nessa nova visão é o que nesse trabalho é apresentado como saber ambiental. Nesse saber ambiental estão integradas as produções da mente humana, que as ciências físicas e naturais tem dificuldade em admitir sua valoração e até mesmo a existência. É necessário se compreender que as “representações, símbolos, saberes, valores – não são meras fantasias que vêm enfeitar ou mascarar uma realidade mais essencial que seria a realidade da matéria” (FLORIANI, 2009, p. 24). Isto significa dizer, que chegou o momento das chamadas ciências duras, ou naturais e físicas, aceitarem, principalmente, após o surgimento da física quântica, como já visto anteriormente, que “as dimensões sociais e culturais façam parte da realidade e assumam um papel determinante tanto na história das sociedades como na dos ecossistemas que a constituem” (FLORIANI, 2009, p. 24).

Segundo Leff (2007, p. 159):

O ambiente está integrado por processos, tanto de ordem física como social, dominados e excluídos pela racionalidade econômica dominante: a natureza superexplorada e a degradação socioambiental, a perda de diversidade biológica e cultural, a pobreza associada à destruição do patrimônio de recursos dos povos e a dissolução de suas identidades étnicas; a distribuição desigual dos custos ecológicos do crescimento e a deteriorização da qualidade de vida.

É imperativo que se compreenda ao se esmiuçar o saber ambiental que, este, promove um diálogo de saberes. Para o autor citado acima, o saber ambiental engloba, abrange e valoriza os saberes antes “mar-



ginalizados e subjugados pela centralidade do logos científico”. Também é possível se afirmar que, o saber ambiental provoca necessariamente a “[...] produção de novos conhecimentos, o diálogo, hibridização e integração de saberes” (LEFF, 2007, p. 162). Tudo isso só será possível a partir da inter e transdisciplinaridade, onde serão provocados diálogos “[...] entre a ciência e saber, entre tradição e modernidade. [...] onde ser revalorizam os conhecimentos indígenas e os saberes populares produzidos por diferentes culturas em sua coevolução com a natureza” (LEFF, 2007, p. 168-9). O saber ambiental se apropria e difunde os conhecimentos e saberes tanto de diferentes ordens culturais quanto das mais diversas identidades étnicas.

É relevante o detalhamento que o autor faz sobre o assunto, ao denotar que as sociedades tradicionais mantêm uma relação com a natureza que não é pautada pela tecnologia e pela economia, mas por uma coevolução ecológico-cultural a partir do conhecimento amplo associada a práticas tradicionais herdadas dos antepassados.

## A FOLKCOMUNICAÇÃO

Diante do que foi apresentado nos itens anteriores, a pesquisa baseou-se na teoria da Folkcomunicação, para, em uma concepção de mudança paradigmática da ciência, analisar os rituais, símbolos e rede de significados das manifestações culturais da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO. A teoria é resultado da tese de doutorado de Luiz Beltrão, defendida na UnB, em 1968.

Na defesa de sua tese, Beltrão define a folkcomunicação, “[...] como o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p. 24). Uma de suas argumentações na defesa da teoria afirma que ela:

[...] preenche o hiato, quando não o vazio, não só da informação jornalística como de todas as demais funções da comunicação: educação, promoção e diversão, refletindo o viver, o querer e o sonhar das massas populares excluídas por diversas razões e circunstâncias do processo civilizatório, e exprimindo-se em linguagem e códigos que são um desafio ao novo e já vigoroso campo de estudo e pesquisa da Semiologia (BELTRÃO, 1980, p. 26).

Beltrão vai mais longe, pois através da folkcomunicação, consegue penetrar no cerne do significado das mensagens através das manifestações culturais, na época, denominadas apenas de folclore. Beltrão quer entender as mensagens, decodificando-as “[...] não apenas sob a forma acomodada da tradição mas em toda a força do conteúdo crítico vindicatório ou afirmativo da mensagem atualizada que emite” (BELTRÃO *apud* MARQUES de MELO, 1983, p. 73).

Também é importante que se registre que ao utilizar essa teoria, fica evidente um dos aspectos da mudança paradigmática da ciência ao se evidenciar que a interdisciplinaridade ocorre na medida em que a Folkcomunicação ultrapassa os limites da área das ciências sociais em aproximação horizontal e equitativa e se torna multidisciplinar, na medida em que vai “[...] da etnografia à sociologia, passando pela antropologia, o folclore, a comunicação social, a linguística, a literatura, a semiótica, a música, etc.” (HOHLFELD, 2001, p.26).

Contudo, para dar conta desse leque de assuntos e de forma integrada, a Folkcomunicação está alircerçada teóricamente na Comunicação e na Antropologia. Nesse sentido, pode-se afirmar que ela é uma teoria vanguardista na pesquisa inter-multi e transdisciplinar, pois, “[...] incorpora outras ciências na busca de um diálogo multidisciplinar com a Semiologia, a Política, a Sociologia, a Economia, a Filosofia ou a Psicologia”, conforme assevera Breguez (2004, p. 8), na apresentação do livro do qual é organizador. Em outras palavras, a Folkcomunicação tem um caráter teórico-metodológico “[...] que se localiza no campo da comunicação e transita pelo arcabouço metodológico da área das ciências sociais aplicadas” (SCHMIDT, 2004, p. 2).

A inter-multi e transdisciplinaridade exige uma mudança no pensamento científico conforme nos apresenta Schmidt (2004):

O amadurecimento do pensar cientificamente começa com o amadurecimento do viver, e a postura profissional/científica se dá quando assumimos uma visão de mundo, preferencialmente



uma visão que permita abarcar as relações macro e micro estruturais de cada grupo, e também possibilite identificar e analisar a dinâmica que resulta na construção de manifestações ora singulares ora universais.

Entretanto, a interdisciplinaridade na folkcomunicação não reside apenas nesse fator, ou seja, na relação entre pesquisador e objeto pesquisado conforme foi discutido na 7ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação:

O processo da pesquisa das expressões folkcomunicacionais, onde interagem elementos tradicionais e modernos, rurais e urbanos, popular e massivo, vai além de uma relação unilateral investigador-objeto, ele abrange uma relação com todo o contexto na sua totalidade: o pesquisador, o objeto, as instituições, as organizações, a localidade, a região, o país (SCHMIDT, 2004).

Sob essa ótica, nas observações da pesquisadora citada, a folkcomunicação está sendo demarcada como um campo onde a metodologia participante e transdisciplinar se faz presente traçando caminhos norteadores.

## MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA LAGOA DA PEDRA

Ao se trazer à tona os estudos sobre as manifestações culturais da Lagoa da Pedra, evidenciando a sua cultura, a religiosidade e de suas festas, faz com que se possa entender a construção da identidade social dos participantes e da comunidade como um todo.

Observa-se que, enquanto que a mídia provoca uma globalização cultural, os agentes folkcomunicacionais criam resistências através do folclore. Nessa movimentação, entra em cena a utilização de objetos sagrados que além de adoração passam a ter novos significados, e assim, o valor agregado a eles faz com que haja uma nova conotação na manifestação da religiosidade popular, passível de verificação à luz da Folkcomunicação (TRIGUEIRO, 2005).

Verifica-se, portanto, “[...] que as tradições comunicacionais das populações marginalizadas sobrevivem às inovações tecnológicas, demonstrando capacidade de resistência cultural, no tempo e no espaço” (MELO, 2004b, p. 01). Em razão desse avanço tecnológico, as festas passam a ter um novo sentido, com seus propósitos e as suas mais variadas motivações, em relação à época de Beltrão, que definia a festa “[...] como um momento de quebra espontânea do cotidiano de trabalho e da inversão das posições sociais naquilo que tem sido chamado de o mundo pelo avesso” (BENJAMIM, 2001, p. 19).

## HISTÓRIA DA RODA DE SÃO GONÇALO

A origem dessa manifestação cultural tem a sua origem em Portugal, no séc. XII, com um frade de nome Gonçalo e que no fim da vida viveu na cidade de Amarante. A ele são atribuídos vários milagres e com o passar dos anos, também se tornou o santo casamenteiro. Inicialmente, no dia 10 de janeiro, data de sua morte, sempre ocorria uma festa popular em sua homenagem.

Observa-se na Lagoa da Pedra, que, apesar de não conhecerem nada sobre os registros históricos a respeito de São Gonçalo e da origem da festa eles, através da tradição oral, perpetuam em seus cânticos, fatos que tem a ver com a história real. Como por exemplo, ao cantarem na terceira estrofe durante a Roda, a cidade onde o beato viveu e como santo casamenteiro, conforme registrado em (TESKE, 2009, p. 145):

3.São Gonçalo de Amarante  
São Gonçalo de Amarante  
Casamenteiro das velhas  
Casamenteiro das velhas

Na quarta estrofe cantam o que a história também registra, que inicialmente se tornou o casamenteiro de mulheres mais velhas que não haviam encontrado marido, e, depois, também das mais novas em decorrência do êxito das mais velhas.



4. Que mal lhe fizeram as moças?  
Que mal lhe fizeram as moças?  
Por que não casaram elas?  
Por que não casaram elas?

Ao cantarem, mostram o conflito das moças, para depois, ao conseguirem que se cumprisse o seu pedido, cumprissem a promessa com dança, conforme era o costume do frade Gonçalo em vida, quando dançava com as mulheres da vida, até cansarem. Segundo diz a história, o seu intento era cansar as mulheres e dessa forma não se entregariam mais a ninguém na prática da prostituição e, se converteriam à sua fé. Nasce daí, o costume da dança em cumprimento a qualquer promessa feita a São Gonçalo. Por isso, na Roda de São Gonçalo, na Lagoa da Pedra eles cantam na quinta e sexta estrofe:

5. Dança, dança minha gente  
Dança, dança minha gente  
Dança todos num cordão  
Dança todos num cordão

6. Dançando todos em fila  
Dançando todos em fila  
Batendo os pezinho no chão  
Batendo os pezinho no chão



Figura 1: Dança da Roda de São Gonçalo  
Nota: foto de Êmerson Silva.

Percebe-se a força da tradição oral, ainda mais, em se tratando de uma comunidade quilombola, que tem a sua origem no ano de 1853, o que quer dizer, que tem início antes mesmo da assinatura da Lei Áurea. Apesar de ser uma comunidade que sofreu toda sorte de preconceito e discriminação, vivendo de forma isolada, preservaram em seu meio tradições que os mantém unidos e, ao mesmo tempo, vivenciando as suas festas e manifestações de forma a envolverem a sociedade circundante, demonstram a sua força e identidade cultural.

Para a matriarca da comunidade, Maria Antônio Dias, rodeira desde os 12 anos, analfabeta, alegando não saber ao certo a origem da Roda contou a sua versão sobre a origem da Roda de São Gonçalo, da mesma forma como sua mãe e as tias lhe contaram:

[...] Ah, isso era em, aqui mesmo no Brasil (risos). O povo contava essa história. A primeira Roda foi São Gonçalo que inventou. Diz que saiu nas casa pedindo prá os homem as muié deles, mas quem era casado num ia confiá - dá suas muié (risos), e dá suas muié prá (risos) São Gonçalo. Aí diz que São Gonçalo saiu no mundo panhando só as muié que num tinha marido, igual eu (risos), as muié, as muié da vida, diz que até ele arrumou 24 muié, tudo solteira, nenhuma tinha marido. Daí dançou, cumpriu a promessa dele. Por isso [...] a Roda é 24 muié. E agora é tudo - é casada, é moça, é solteira, é - tudo dança Roda. Naquele tempo (risos) quem é que ia entregá as muié, (risos) quem ia apanhá suas muié prá entregar prá homem? (risos). A primeira Roda, foi dançada só com as muié que num tinha marido, porque que, os homens (risos) que tinha suas muié - é ruim - nenhum, num ia liberar elas prá dançá (risos). Ninguém sabia onde era essa Roda (TESKE, 2009, p. 76).



Figura 2: Maria Antonio Dias  
Nota: foto de Êmerson Silva.

Portanto, observa-se que há semelhanças com os registros históricos e isso se repete com outra moradora de meia idade, Eudésia Costa Dias, ao falar sobre a história da origem da Roda de São Gonçalo disse: “[...] não foi história de agora não, é história velha, pois ouvi de minha mãe”.

São Gonçalo saiu juntando, fez a promessa, e saiu juntando as rodeira. Aí dançou a Roda. Aí ele tornou, achou bom, cumpriu, foi válida (transcrito da forma como foi pronunciado), tornou fazer outra promessa. Aí saiu em busca de mais rodeira. Já os marido ciomô, né!, porque São Gonçalo era homem. E saiu em voz, juntando essa muiizada, tomando os marido, as muié dos marido tudo, e os marido ciomô - não deixou ele cumprí a promessa esse dia. Aí ele pegou e falou - diz que São Gonçalo falou - na casa que tivesse duas moça [...] casava uma e outra era dele (risos). De forma que é difícil na casa que três ou quatro moça casá tudo (risos). Tem que ficá alguma solteira (risos). Você já viu essa brincadeira? (risos) Pois é né! São Gonçalo, ele era rodeiro, ele era guia, e ele saía, né!, fazendo as promessa com as mulheres (TESKE, 2009, p. 76-7).

Para os moradores da Lagoa da Pedra havia desconhecimento sobre a origem da Roda de São Gonçalo e, de forma geral, atribuem o início dessa manifestação aos seus antepassados, conforme descreve o guia mestre, Joaquim Bento da Silva:



Olha, essa Roda de São Gonçalo ela é tradição daqui mesmo da região, como da Canabrava, Lagoa da Pedra, e região circunvizinha. É da nossa comunidade mesmo aqui. Bom, não foi do meu conhecimento quando ela começou. Quando eu me entendi assim, por gente, ela já, tinha a Roda de São Gonçalo. É coisa dos antigos. Dos antepassados. Vem de longe (TESKE, 2009, p. 77).

Os moradores da Lagoa da Pedra são adeptos da religião católica, exceto três famílias, e a Roda de São Gonçalo também é de tradição católica, entretanto há símbolos, instrumentos musicais e danças que remetem aos ancestrais africanos, demonstrando a presença de forte resistência cultural.

#### PAGAMENTO DA PROMESSA

Na comunidade só ocorre a Roda de São Gonçalo por pagamento de alguma promessa, normalmente por duas razões: falta de chuva ou doença. Por outro lado, não é uma manifestação com data fixa, pois sempre irá ocorrer quando a pessoa que fez a promessa resolver pagá-la. Isso significa que terá que entrar em contato com o guia mestre, que, por sua vez, convocará 24 rodeiras, um contra-guia e um violeiro, além dos tocadores da azabumba e da caixa para a marcha inicial. Mas não só isso, o pagador da promessa terá que providenciar uma janta que será oferecida para toda a comunidade, os seus convidados e qualquer pessoa que queira vir. Não há necessidade de convite prévio, entretanto sabem, segundo dizem, que terá que ter fartura de comida, não podendo faltar, sem saber quantas pessoas participarão do evento.



Figura 3: Janta da Roda de São Gonçalo  
Nota: Foto de Êmerson Silva.

#### SÍMBOLOS DA RODA DE SÃO GONÇALO

As rodeiras e os guias sempre dançarão paramentados com uma roupa branca e uma fita vermelha amarrada na cintura. A dança sempre ocorre à noite em frente à casa do pagador de promessa e o cenário é composto de um cruzeiro e um altar, tendo aproximadamente 12 metros de distância entre um e outro.





Figura 4: Cruzeiro de buriti  
Nota: foto de Êmerson Silva.

O altar é improvisado com uma mesa da escola e ornamentado com uma toalha e enfeitada com flores de papel. Sobre o altar imagens de santos e de São Gonçalo violeiro.



Figura 5: Altar da Roda de São Gonçalo  
Nota: foto de Êmerson Silva.

As rodeiras seguram durante toda a evolução da Roda de São Gonçalo um arco enfeitado com flores e sobre o qual também está fixado uma candeia, confeccionada especificamente para esse fim. A candeia, segundo dizem, deve ser sempre de cera de abelha aratim, uma espécie da região.



Figura 6: Os arcos enfeitados  
Nota: foto de Emerson Silva.

Ao final de uma das partes da Roda de São Gonçalo, os arcos terão que ser entregues ao guia e contra-guia, pois são duas filas de mulheres, sendo 12 em cada fila. Os guias, com os arcos todos juntos na mão, terão que jogá-los em cima do telhado da casa. Caso algum destes caia no chão, é sinal de que uma das mulheres irá morrer dentro do espaço de um ano, segundo a sua tradição. Portanto, o guia tem todo o cuidado possível, para que não caia nenhum deles, pois, conforme depoimento colhido, isso já ocorrera anteriormente.



Figura 7: Os arcos enfeitados sendo jogados sobre o telhado da casa  
Nota: foto de Emerson Silva.

O encerramento sempre se dará com a sússia, dança que tem suas origens na África, com toque do tambor, com a participação de todos os participantes, gritando e batendo palmas. Após os ritos finais, dá-se por encerrada a cerimônia do pagamento da promessa, ou seja, a Roda de São Gonçalo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da globalização ser uma realidade, observa-se que ela não consegue homogeneizar as sociedades e eliminar as práticas culturais. Mesmo que, com o avanço tecnológico que possibilita a chegada da mensagem midiática nos mais distantes rincões, as culturas tradicionais, mesmo que sofrendo alguma alteração, conseguem se manter e fazer com que se perpetuem manifestações que, aparentemente, haviam desaparecido. A resistência cultural é percebida na medida em que as comunidades tradicionais, no caso específico, da Lagoa da Pedra, ressignificam os seus padrões e manifestações culturais.

Em um mundo que se considera moderno e se propõe em um modelo desenvolvimentista que não considera e não inclui a cultura como fator imprescindível, há necessidade de rever seus conceitos e defender um novo modelo de desenvolvimento que, efetivamente, seja sustentável e inclua a diversidade cultural.

## Referências

- BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.
- \_\_\_\_\_. A pesquisa sobre Folkcomunicação. In: MELO, José Marques de (org.). Pesquisa em Comunicação no Brasil: Tendências e Perspectivas. São Paulo: Cortez, 1983.
- BENJAMIM, Roberto E. C. Expandindo a proposta da obra fundadora. In: UNESCO. Anuário Unesco/Umesp de comunicação regional. Ano V. n 5. jan/dez. 2001. p.17-24.
- CAPRA, Fritjof.. O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a cultura emergente. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FLORIANI, Dimas. Por uma epistemologia da diversidade. In: NAVAL, Liliana Pena; PARENTE, Temis Gomes. (Orgs.). Impactos socioambientais: o desafio da construção de hidrelétricas. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.
- HOHLFELDT, Antônio. Folkcomunicação: positivo oportunismo de quase meio século. In: UNESCO. Anuário Unesco/Umesp de comunicação regional. Ano V. n 5. jan/dez. 2001. p.25-34.
- KUHN, T. S. A estrutura das revoluções científicas. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001, p. 145-171.
- LEFF, Enrique. Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2006.
- MORAES, Maria Cândida. Pensamento Eco-sistêmico: Educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- MARQUES DE MELO, José. Folkcomunicação: a mídia radical dos excluídos pela globalização. Portal Imprensa – Revista Imprensa Online. jul.2004. Disponível em: <[http://www.portalimprensa.com.br/192\\_05.asp](http://www.portalimprensa.com.br/192_05.asp)>. Acesso em: 02 Ago 2013.
- MORIN, Edgar. O método 3: conhecimento do conhecimento. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008b.
- \_\_\_\_\_. A cabeça bem-feita: repensar a reforma – reformar o pensamento. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008a.
- \_\_\_\_\_. Saberes Globais e Saberes Locais: um olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.



PARENTE, Temis Gomes; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *Linguagens Plurais: cultura e meio ambiente*. Bauru: Edusp, 2008.

SCHMIDT, Cristina. *Folkcomunicação: Uma metodologia participante e transdisciplinar*. 7º Conferência Brasileira de Folkcomunicação. 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=574&path%5B%5D=408>>. Acesso em: 3 Ago. 2013.

TESKE, Wolfgang. *Cultura Quilombola na Lagoa da Pedra, Arraias-TO*. Edições do Senado Federal, vol. 146. Brasília: Editora do Senado Federal, 2010.

\_\_\_\_\_. *A Roda de São Gonçalo na Comunidade Quilombola da Lagoa da Pedra em Arraias (TO): um estudo de caso de processo folkcomunicacional*. 3. ed. Goiânia: Kelps, 2009.

\_\_\_\_\_. *A Roda de São Gonçalo na Comunidade Quilombola da Lagoa da Pedra em Arraias (TO): um estudo de caso de processo folkcomunicacional*. Goiânia: Kelps, 2008.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. *O anúncio dos milagres: o ex-voto como processo de folkcomunicação*. *In site Universitário*. [online]. Jul. 2005. p. 01-08. Disponível em: <<http://www.insite.pro.br/Ensaio%20Osvaldo%20Ex-votos.htm>>. Acesso em: 02 Ago 2013.

\_\_\_\_\_. *Globalização e Identidade Cultural - o impacto da televisão numa comunidade rural paraibana (Nordeste do Brasil)*. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação (bocc). 1999. Disponível em: <[http://www.bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php?html2=trigueiro-osvaldo-globalizacao-identidade.html](http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=trigueiro-osvaldo-globalizacao-identidade.html)>. Acesso em: 02 Ago. 2013.

